


OLHAR A LÍNGUA, VER AS IDEOLOGIAS: CEGUEIRA E UTOPIA NO PENSAMENTO SOBRE LINGUAGEM¹

LOOKING AT LANGUAGE, SEEING IDEOLOGIES: BLINDNESS AND UTOPIA IN THINKING ABOUT LANGUAGE

MIRAR EL LENGUAJE, VER IDEOLOGÍAS: CEGUERA Y UTOPIA AL PENSAR EL LENGUAJE

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-230>

Data de submissão: 20/05/2025

Data de publicação: 20/06/2025

Bianca Alencar Vellasco

Doutora em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás (UFG)

RESUMO

O texto discute a relação entre linguagem, ideologia e dominação, questionando conceitos tradicionais da linguística, como a cisão língua x fala e o lema “uma nação, uma língua, uma cultura”. Através de autores como Saramago, Pratt e Rajagopalan, explora como ideologias linguísticas moldam visões homogêneas de comunidade, obscurecendo práticas reais dos falantes. Propõe uma revisão crítica de categorias linguísticas para abarcar a heterogeneidade e os contextos socioculturais. A metáfora da cegueira, inspirada em Saramago e no filme *They Live*, ilustra como ideologias distorcem a percepção da realidade. Por fim, sugere que a linguagem não apenas representa, mas constitui a realidade, exigindo um olhar ético e político.

Palavras-chave: Ideologia linguística. Comunidades imaginadas.

ABSTRACT

The text discusses the relationship between language, ideology and domination, questioning traditional concepts of linguistics, such as the language x speech split and the motto “one nation, one language, one culture”. Through authors such as Saramago, Pratt and Rajagopalan, it explores how linguistic ideologies shape homogeneous visions of community, obscuring the real practices of speakers. It proposes a critical review of linguistic categories to encompass heterogeneity and sociocultural contexts. The metaphor of blindness, inspired by Saramago and the film *They Live*, illustrates how ideologies distort the perception of reality. Finally, it suggests that language not only represents, but constitutes reality, requiring an ethical and political perspective.

Keywords: Linguistic ideology. Imagined communities.

RESUMEN

El texto analiza la relación entre lengua, ideología y dominación, cuestionando conceptos tradicionales de la lingüística, como la división entre lengua y habla y el lema «una nación, una lengua, una cultura». A través de autores como Saramago, Pratt y Rajagopalan, explora cómo las ideologías lingüísticas

¹ Trabalho desenvolvido para a disciplina de Aspectos Socioculturais da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG), ministrada pela professora Joana Plaza Pinto, como requisito de avaliação final.

configuran visiones homogéneas de la comunidad, ocultando las prácticas reales de los hablantes. Propone una revisión crítica de las categorías lingüísticas para abarcar la heterogeneidad y los contextos socioculturales. La metáfora de la ceguera, inspirada en Saramago y la película «Están vivos», ilustra cómo las ideologías distorsionan la percepción de la realidad. Finalmente, sugiere que la lengua no solo representa, sino que constituye la realidad, lo que requiere una perspectiva ética y política.

Palabras clave: Ideología lingüística. Comunidades imaginadas.

“quando me pego pensando sobre linguagem agora, essas palavras estão lá, como se elas estivessem sempre esperando para me desafiar e me ajudar. Eu me pego silenciosamente recitando-as várias e várias vezes com a intensidade de um mantra. Elas me chocam, despertando-me para uma consciência da ligação entre línguas e dominação” (bell hooks, 2008, p. 856)

1 INTRODUÇÃO

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara. Em 1995, em seu *Ensaio sobre a cegueira*, José Saramago narrava a história sobre a epidemia de uma cegueira repentina e contagiosa. Sem avisos ou motivos aparentes, as pessoas perdiam totalmente a visão. Entre os acometidos pelo mal, um deles enfrenta um dilema a respeito do aspecto dessa cegueira, pois em sua imaginação, a falta de visão resultaria numa escuridão, e não numa “treva branca”, parecida com “um mar de leite”, como se “houvesse um muro branco”. Para vermos em trechos exatos:

“Chegara mesmo ao ponto de pensar que a escuridão em que os cegos viviam não era, afinal, senão a simples ausência de luz, **que o que chamamos cegueira era algo que se limitava a cobrir a aparência dos seres e das coisas, deixando-os intactos por trás do seu véu negro.**” (SARAMAGO, 1995, p. 4 grifo meu)

Se referir à cegueira como algo que simplesmente “se limita a cobrir a aparência dos seres e das coisas” tem um potencial metafórico muito grande para um estudo sobre ideologias linguísticas e alguns desdobramentos críticos dos nossos pensamentos sobre a linguagem. Afinal, discussões sobre como necessitamos dos nomes para nos referirmos às coisas e de como essa seria a nossa única relação possível com o mundo está na base da teoria representacionista da linguagem. Em relação a isso, em um de seus trabalhos, Rajagopalan (1998) nos traz que:

A tentação é a de pensar que é a linguagem que representa o mundo, sendo que nós, enquanto usuários de língua, estamos inteiramente à mercê das representações que a nossa linguagem nos impõe. Ademais, existe a crença de que, sob condições ideais, a linguagem possa ser totalmente transparente. **Como podemos, então, falar em escolhas no interior da relação representacional entre a linguagem e o mundo?**” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 345 grifo meu).

O escopo deste artigo não é dar conta da teoria da representação, mas é em alguma medida falar de escolhas possíveis diante da nossa relação com a linguagem. Falar em escolhas aqui significa adentrar em um campo - no mínimo - crítico de atuação com as teorias sobre linguagem. O exame crítico que se pretende é no sentido de nos desafiar a pensar em linguagem para além dos cânones. Isso porque, não precisamos mais operar apenas sob a égide de conceitos herdados do século passado, período a partir do qual o lema “Uma nação, uma língua, uma cultura” (RAJAGOPALAN, 1999) passa a imperar. Os trabalhos de 1998 e 1999 de serão um dos nortes para o desenvolvimento desse exame crítico, que nos alerta a respeito de como alguns conceitos básicos sobre língua estão:

se mostrando cada vez mais incapazes de corresponder à realidade vivida neste fim do milênio, realidade essa marcada de forma acentuada por novos fenômenos e tendências irreversíveis como a globalização e interanimação entre culturas, com consequências diretas na vida e no comportamento cotidiano dos povos, inclusive no que diz respeito a hábitos e costumes linguísticos.” (RAJAGOPALAN, 1999, 223-224)

Neste sentido, se os velhos conceitos não servem mais, a lógica é revermos o modo de estabelecimento dessas categorias, com “o intuito de torná-los mais adequados às mudanças estonteantes, principalmente a níveis social, geo-político, e cultural, em curso neste final de milênio.” (RAJAGOPALAN, 1999, p. 223). Rever conceitos e categorias básicas do pensamento sobre linguagem seria rever o estabelecimento do que Mary Louise Pratt (2013) chamou de *linguística da comunidade*, em um trabalho que também guiará vários dos desdobramentos deste estudo.

A linguística da comunidade, chamada por ela de uma imagem paródica de um tipo de linguística, é descrita da seguinte forma: “essa locução (...) destina-se a ressaltar uma dimensão utópica compartilhada por boa parte da linguística moderna, incluindo o que às vezes é chamado de suas vertentes ‘críticas’.” (PRATT, 2013, 439). Essa linguística da comunidade se relaciona fortemente com o lema “uma nação, uma língua, uma cultura”, pois a comunidade de fala da linguística seria justamente um protótipo de nação moderna (PRATT, 2013). Em uma explicação mais detalhada, temos que:

“Esse protótipo da nação moderna como comunidade imaginada está, gostaria de sugerir, refletido no objeto de estudo imaginado da linguística: a comunidade de fala. Em outras palavras, a fraternidade limitada, soberana e horizontal de Anderson é a imagem através da qual a comunidade de fala frequentemente é concebida na linguística moderna. De fato, faz sentido ver uma boa dose de descrição linguística, dos tipos crítico e “acrítico”, como engajada na produção dessa entidade utópica imaginada. Muitas/os críticas/os têm ressaltado a forma como nossa linguística moderna da língua, do código e da competência postula um mundo social unificado e homogêneo no qual a língua existe como um patrimônio compartilhado – **mais precisamente, como um dispositivo para imaginar comunidade.**” (PRATT, 2013, p. 440)

Um exemplo de dispositivo para imaginar as comunidades homogêneas das quais Pratt (2013) fala pode estar num momento clássico da teoria linguística estruturalista: a famosa cisão dicotômica saussuriana: língua x fala. Pratt (2013) acrescenta que, entre as muitas formas de produção de língua segundo a imagem da comunidade imaginada, o abismo forjado “entre *langue* e *parole*, competência e desempenho, é a distância entre a homogeneidade da comunidade imaginada e a realidade fraturada da experiência linguística nas sociedades estratificadas modernas.” (PRATT, 2013, p. 441).

Outro exemplo que carrega um potencial metafórico e de articulação com uma revisão de conceitos e categorias sobre a linguagem é o filme *They Live* (1988), escrito por John Carpenter, que conta a história de um homem que, ao encontrar um óculos no chão e colocá-lo, passa a enxergar a realidade tal como ela é. Como uma espécie de correção da visão, a partir do momento em que coloca

as lentes em seu rosto, o personagem principal começa a ver o que “há por trás” das mensagens veiculadas pelas campanhas políticas e publicitárias, revistas, jornais, telas, embalagens de produtos, e até mesmo a verdadeira face das pessoas.

Figura 1 - Cena do filme They Live (1988)



Uma das leituras possíveis para essa situação apresentada no filme é pensar em discurso e representação. Partindo disso, é inevitável não falar em ideologia como uma parte integrantes e inerente aos espaços discursivos e sociais. O filósofo Slavoj Žižek, em uma análise especificamente sobre este filme, se refere à ideologia como sendo a nossa relação espontânea com o mundo social. Isso quer dizer que, mesmo olhando com os óculos, ainda estaremos vendo as ideologias, mesmo que num outro formato, e não a realidade como ela supostamente seria, pois não haveria maneira de vivermos fora da forma material das ideologias.

Figura 2 - Cena do filme They Live (1988)



No cenário proposto por Žižek, a força material da ideologia é o que não nos deixará ver jamais o que estamos consumindo de verdade todos os dias, e o máximo que óculos podem fazer é apresentar uma visão mais explícita, dolorosa e direta, mas que não excluirá a presença da ideologia do nosso cotidiano e da nossa relação com o mundo.

Se a ideologia é algo que turva a nossa visão, tornando-a distorcida, ela também é uma espécie de cegueira. Não exatamente como algo “que se limita a cobrir a aparência dos seres e das coisas”, e nem deixando os seres e as coisas “intactos por trás de um véu”, como é a cegueira descrita por Saramago (1995), mas como algo que distorce a nossa visão rumo a um projeto específico de poder. Se a nossa condição, de fato, é viver dentro das ideologias, a escolha que podemos fazer é sermos críticos em relação ao formato ao qual estamos nos submetendo e, por isso, a revisão constante de categorias e de conceitos se tornam constantemente necessários, sejam eles científicos, linguísticos, ou de qualquer outra ordem.

Então, se a nossa relação com o mundo precisa do intermédio da linguagem, e se a linguagem se constitui em discursos e ideologias, qual é o aspecto deste véu por onde estamos enxergando? A partir daqui, as perguntas passam a ser: Para que tipo de cegueira estamos olhando através das ideologias de linguagem que endossamos? O que estamos vendo e o que não somos mais capazes de ver, quando olhamos para a linguagem dentro das ideologias que nos estão disponíveis? O que se tornou tão natural nos estudos linguísticos ao ponto de não mais conseguimos enxergar, e por isso nem ao menos conseguir articular mais explicitamente o que determinadas teorias representam?

2 COLOCAR OU TIRAR OS ÓCULOS: O QUE TEREMOS A CHANCE DE VER SE OLHARMOS PARA ALÉM DAS UTOPIAS LINGÜÍSTICAS E DO UNIVERSALISMO?

Para iniciar este tópico, trago um momento do trabalho de Rajagopalan (1999), em que ele descreve o modo de estabelecimento de Linguística como Ciência, durante o século XIX, no período conhecido como virada linguística. Reproduzo o excerto completo em três momentos (**I**, **II**, **III**) ao longo deste tópico, pois se trata de um raciocínio denso, que ficará melhor abordado nesta forma de destaque em blocos. No primeiro momento (**I**), temos que:

I

Segundo autores como Sampson (1980), a escolha da Linguística como ‘A Rainha das Ciências Humanas’ no início desse século, deveu-se, em grande parte, ao enorme prestígio que a própria palavra ‘ciência’ havia adquirido junto às grandes massas de leigos bem como **à insistência por parte dos linguistas em caracterizar sua área de estudo como uma ciência e assim distingui-la dos esforços de seus antecessores**, entre eles os filólogos e os gramáticos ‘tradicionais’. Ou seja, **ironicamente, a Linguística foi eleita como modelo para as demais ciências humanas por adotar – ou melhor dizendo, imitar – os métodos das ciências exatas e se distanciar dos procedimentos mais comuns nas humanas**. (RAJAGOPALAN, 1999, p. 222-223)

Caracterizar para então distinguir é um movimento que está na base das classificações das línguas como as conhecemos hoje, um trabalho de segmentação em prol de um formato homogêneo de identidade, que também faz parte do projeto moderno de nação. Esse movimento feito na ciência linguística é um exemplo de como restringir a nossa visão para um único aspecto pode resultar numa cegueira e distorção ideológica que, neste caso, se trata de dizer que: para se estudar língua, é necessário deixar de fora a fala.

Essa restrição se dá no seguinte âmbito: tudo o que ocorrer que não puder ser caracterizado de acordo com o modelo estabelecido, não será distinguido, nem classificado, nem visto e nem considerado. A virada linguística do século XIX, então, resulta simplesmente no ajustamento do olhar para um único foco, distorcido ao ponto de se tornar o que Pratt (2013) chama de *comunidades imaginadas*, parte integrante da linguística da comunidade.

A comunidade imaginada pela linguística da comunidade é o resultado, entre outras coisas, como já se disse anteriormente, da famosa cisão dicotômica saussuriana: língua x fala, em que “língua” corresponderia à uma parte homogênea e passível de sistematização (as gramáticas, por exemplo), e em que a fala corresponderia à própria realidade da experiência linguística, que nesta visão não é nem vista e nem considerada como dado científico.

Pratt (2013), ao identificar a limitação desta abordagem, em que as comunidades interpretativas não são vistas em suas relações e interações umas com as outras.” (PRATT, 2013, p. 449), realiza então precisamente o necessário movimento de revisão de conceitos e de categorias, ao trazer à tona a noção

que vai em direção a uma linguística de contato², como um contra-ponto a este modelo fundamentado numa ideologia da autenticidade (PRATT, 2013). Modelo esse que, caso encontrássemos os óculos do filme de John Carpenter, ao colocarmos e olharmos novamente, talvez poderíamos ler explicitamente as palavras do lema “Uma língua, uma nação, uma cultura”.

Indo para o segundo momento (II) do trabalho de Rajagopalan (1999), temos que:

II

Em seu livro *Politics of Linguistics*, Frederick Nemeyer defende a autonomia da Linguística, afirmando que ela se preocupa em “abordar a linguagem como um cientista natural estudaria um fenômeno físico, isto é, concentrando-se naqueles seus atributos que existem independentemente das crenças e dos valores dos falantes individuais de uma determinada língua ou da natureza da sociedade na qual a língua é falada.” (Newmeyer, 1986: 5-6)” (RAJAGOPALAN, 1999, p. 223)

A pergunta imediata que se faz aqui é: mas o que exatamente existe para além das crenças e valores dos falantes, se não outras crenças e valores? Que tipo de coisas conseguiremos ver olhando para uma língua autônoma? O que enxergaremos se estivermos procurando por uma língua puramente abstrata? A única resposta possível passa pelo esvaziamento total das práticas. Buscar cegamente pela autonomia da Linguística neste sentido apresentado é fechar os olhos para os únicos processos visíveis: as práticas situadas, concretas, dos falantes.

E por fim, o terceiro momento (III) em Rajagopalan (1999):

III

“Todavia é possível constatar na literatura recente uma certa inquietação em relação à pouca semelhança entre a linguagem tal qual ela é vislumbrada pela linguística enquanto objeto de estudo e a linguagem como ela é percebida e vivenciada pelos leigos, como também pelos especialistas em outras áreas de conhecimento. Como chega a afirmar Segerdahl (1995: 41): ‘[...] a linguística não é sobre algo que existe independentemente dela mesma. A linguística é, ao invés, um modo artificial de tratar da nossa linguagem que, esta sim, existe independentemente dela.’” (RAJAGOPALAN, p. 223)

Se esquecermos disso, e continuarmos engajados na produção de uma entidade utópica imaginada, feita por uma descrição linguística acrítica (PRATT, 2013), ficaremos cada vez mais cegos para o fenômeno da linguagem. E, assim como na história da epidemia de Saramago, não se sabe se o que é contagioso é o que está sendo reproduzido, ou se é o que está sendo reproduzido é que se torna contagioso.

² Mesmo com ressalvas, e dizendo ser um termo apenas satisfatório por enquanto, Pratt o define como: “Imagine, então, uma linguística que descentralizasse a comunidade, que colocasse em seu centro a operação da linguagem *através* das linhas de diferenciação social; uma linguística que focalizasse os modos e zonas de contato entre grupos dominantes e dominados, entre pessoas de diferentes e múltiplas identidades, falantes de diferentes línguas; que focalizasse o modo como essas/es falantes se constituem umas/uns às/aos outras/os relacionalmente e na diferença, como encenam diferenças na língua. Chamemos esse empreendimento de uma *linguística do contato*” (PRATT, 2013, p. 463)

Teorias que se pretendem universais, não-ideológicas ou neutras em relação a organização do mundo são perigosas, e quanto mais reproduzidas, mais contagiosas. Acreditar em algo parecido com a ideia de que teoria alguma teria consequências, desemboca em sérias consequências (RAJAGOPALAN, 1998). Quando marginalizamos as questões políticas, éticas e culturais das epistemologias, fingindo não vê-las, a consequência “ao praticar tal manobra, [é] tornar seus efeitos muito mais sutis e difíceis de serem detectados.” (RAJAGOPALAN, p. 346). Ou seja, o que não estamos vendo também nos causa danos, e que podem perdurar justamente por não estarem sendo identificados.

Para exemplificar isso, podemos nos perguntar: a quem ou ao quê serve a insistência num protótipo universal de sujeito ou de língua? Quem são os sujeitos não marcados possíveis no sistema-mundo atual? E quem seriam os sujeitos marcados? O projeto de universalização é branco, masculino e europeu. E o que significa dizer então que o mito da língua na sua forma moderna é um produto cultural da Europa pós-renascentista? Significa dizer que algo que é encenado, reproduzido e vivenciado se tornou uma abstração num nível de descorporificação e de apagamento de processos ao ponto de transformar um processo em um produto. Os cenários que Rajagopalan (1998, 1999) descreveu, que pôde ser associado em alguma medida com o que Pratt (2013) chama de comunidades imaginadas e de linguística da comunidade, tem suas bases erigidas, sobretudo, em utopias linguísticas. Então, o rumo para onde podemos direcionar o nosso olhar passa, em grande medida, pela “heterogeneidade, na existência e legitimidade de estilos de vida outros que não aqueles dos grupos dominantes.” (PRATT, 2013, p. 447-448). Será desse modo, “pesquisando sobre linguagem de grupos marginais ou estigmatizados, sobre a emancipação social e política desses grupos.” (PRATT, 2013, p. 447-448), que poderá ser feita uma revisão de conceitos e de categorias, sempre em expansão e constante movimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste texto foi pensar sobre linguagem de uma forma crítica. Aqui, “crítico” significou, entre outras coisas, uma outra forma de olhar, de ver e de reparar as ideologias que permeiam nossos pensamentos sobre linguagem. Por mais que esse exame crítico não seja totalmente capaz de nos curar das cegueiras brancas (Saramago, 1995) que desenvolvemos ao longo do tempo, exercitá-lo pode ao menos nos fazer reparar as rachaduras dos muros brancos da nossa visão, e das quais não conseguimos escapar. Afinal, a ideologia é o que nos deixa cegos diante da realidade ou apenas algo que nos permite ver a realidade sob determinado ângulo?

Este estudo tratou também, em certa medida, de tentar ver a relação existente entre a ideia de utopia com as bases modernas dos estudos linguísticos. O fim das utopias linguísticas se relaciona fortemente com uma forma crítica de ver a língua. A leitura interseccionada dos textos de Pratt (2013) e Rajagopalan (1998, 1999) leva à seguinte conclusão: o universalismo pode ser lido como uma cegueira ideológica, pois necessita justamente que se aceite o apagamento de vários processos, como por exemplo a exclusão dos falantes reais de uma língua e suas interações contingentes. Para vermos pela ótica do universalismo, é necessário não estarmos olhando para uma outra série de coisas, e endossar um projeto de poder contagioso.

Por isso, promover a desmodernização do pensamento sobre linguagem passa por explicitar alguns processos. Significa chamar uma posição ética e política para se pensar, por exemplo, as relações sociais (de gênero, de raça, de classe, de etnia) e a linguagem. Trata-se de uma articulação explícita entre epistemologia, política, ética e crítica. Partir do conhecimento científico como lugar específico significa questionar diretamente a ideia do universalismo. Tentar pensar se são as ideologias que nos cegam para a realidade ou se são elas que nos permitem enxergar os arranjos/esquemas a partir de onde estamos agindo/pensando/falando/olhando demanda uma mobilização que demanda muitos outros estudos.

Por fim, resta dizer que por mais que a ideia dos óculos de crítica-à-ideologia seja muito interessante, há um problema final a ser destacado da ideia de que de que, quando estamos olhamos para língua, discurso e representação, devemos buscar uma mensagem “por trás das coisas”. A conclusão que quero chegar aponta que, na verdade, a própria forma de estabelecimento de uma ideia se configura como parte integrante da ideia.

Neste momento, me lembro de um texto de Conceição Evaristo, ao falar sobre um episódio de sua vida em que sua mãe desenhava um sol no chão. Ela dizia que sua mãe não estava apenas desenhando ou escrevendo o desenho de um sol, mas sim chamando por ele. Ela descreve esse episódio de escrita e representação da seguinte forma: **“assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles.”** (EVARISTO, 2007, p. 16). O que escrevemos e falamos não representa a realidade, o que escrevemos e falamos é a realidade, esculpida e nomeada. O universalismo é o que resulta quando não olhamos para a língua como práticas concretas e situadas. As ideologias não se escondem por trás das palavras, elas constituem a própria representação da palavra.

Por fim, para encerrar, retomo a epígrafe que abriu o texto, nas exatas palavras de bell hooks (2008, p. 856): **“quando me pego pensando sobre linguagem agora, essas palavras estão lá, como**

se elas estivessem sempre esperando para me desafiar e me ajudar.” O desafio de olhar para a língua sem deixar de fora a realidade de seus aspectos socioculturais é um movimento sempre em expansão. É pensar em termos de uma experiência fraturada, situada. É estar atenta para o que se vê e, paradoxalmente, para o que pode se estar deixando de perceber. **“Eu me pego silenciosamente recitando-as várias e várias vezes com a intensidade de um mantra. Elas me chocam, despertando-me para uma consciência da ligação entre línguas e dominação”**. Este breve artigo foi uma tentativa de apresentar de forma articulada alguns dos estudos que me chocam, e que me despertam para uma consciência entre línguas e dominação. Dominação, inclusive sobre os modos como pensamos linguagem.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.

hooks, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. Estudos Feministas, v.16, n.3, 2008, p.857-864.

PRATT, Mary Louise. Utopias linguísticas. Trabalhos em Linguística Aplicada, v.52, n.2, 2013, p. 437-459.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguagem e identidade. Estudos linguísticos, v. XXVIII, p. 342-347, 1999.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguística e a política da representação. Estudos linguísticos, v. XXVII, p. 342-347, 1998

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. Editora Companhia das Letras, 1995.